

A reserva visitável do Laboratorio Chimico (MCUL): Uma realidade em evolução

Ana Romão

Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

Resumo: Este artigo visa apresentar o projeto da reserva visitável da coleção de Química. Primeiro clarificando o conceito propriamente dito e os fatores que foram tidos em conta na sua aplicação prática. Seguidamente, apresentar o modelo escolhido e desenvolver a organização da reserva. Termina com a delineação das novas frentes de trabalho e dos desafios futuros, partindo de uma análise do impacto imediato da sua abertura ao público.

Palavras-chave: reserva visitável, colecção, programação, património integrado

Abstract: *This article presents the design of the reserve collection of the visitable Chemistry. First clarifying the concept itself and the factors that were taken into account in practical application. Next, present the chosen model and develop the organization's reserves. Ends with the delineation of new work and future challenges, starting with an analysis of the immediate impact of its opening.*

Keywords: *visitable booking, collection, scheduling, integrated heritage*

O Laboratorio Chimico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa destaca-se no património científico como um exemplar único de um laboratório oitocentista no contexto nacional e internacional. O projeto de recuperação e valorização museológica do Laboratorio passou pelo reforço da sua componente histórica e patrimonial, bem como do reforço da ligação espaço-coleção-arquivo, de modo a potenciar o seu significado enquanto testemunho histórico na área da história da Ciência. Nesse sentido, o projeto da reserva visitável veio contribuir para uma interpretação integrada da coleção no espaço e para uma ampla acessibilidade que possibilite múltiplas leituras e utilizações dos objetos.

O que é uma reserva visitável?

O modelo de reserva visitável emergiu nas décadas de 60 e 70 fruto do movimento de democratização das coleções do museu¹⁸. Em contraponto à ideia instalada de que o museu guarda nas suas reservas verdadeiros tesouros apenas acessíveis aos conservadores e investigadores, sobrepõe-se a ideia de que o público é o verdadeiro detentor das coleções e como tal, deverá ter acesso total aos seus recursos (AMES, 1985: 27; THISTLE, 1990: 49). O termo “reserva visitável” não é, porém, isento de ambiguidades na sua conceptualização e, conseqüentemente, implementação prática¹⁹. A bibliografia refere-a como uma filosofia operacional de compromisso (FORCE, 1975: 249) com os utilizadores, profissionais de museus e coleções. Como tal, são inúmeros os fatores a ponderar na criação de uma reserva visitável e o modelo a adotar²⁰. No caso da reserva visitável de Química do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (MCUL) foram tidos em conta três fatores principais²¹ – a missão do Museu, a coleção e o público-alvo – de modo a criar um modelo de compromisso entre todos.

O MCUL, criado em 1985, passou por várias fases de consolidação e atuação estratégica ao longo do seu percurso²². Nas primeiras duas décadas centrou-se

18 A reserva visitável surge como resposta ao desafio de potenciar o acesso público das coleções dos museus (FORCE, 1975: 249).

19 Por definição, uma reserva visitável é um híbrido entre uma exposição e uma reserva ‘tradicional’, embora alguns autores se concentrem mais no termo “reserva” e outros no termo “visitável”: “(...) visible storage is at one and the same time both a storage and a display system. Visitors need to be made aware that this is not the familiar type of thematic exhibit, and, particularly in light of the absence of structured orientation and programming.” (THISTLE, 1997: 194).

20 Hilberry (2002) faz uma sistematização dos vários modelos de reserva visitável que identificou.

21 Blackbourne (1986: 22) resume em três principais os factores que condicionam qualquer modelo: “Museums considering this technique must understand the needs of their audience, their collection, and their institutional purpose before design decisions can be made.”

22 Para a particularidade do programa do MCUL ver Marta Lourenço (2010).

eminentemente no desenvolvimento de uma dimensão educativa e cultural, com a consolidação de um serviço de extensão cultural e a incrementação de uma forte política de exposições. A partir de 2006 o Museu investiu essencialmente quer na dimensão patrimonial, quer na requalificação e acessibilidade do acervo, quer no desenvolvimento de investigação. Qualquer uma das dimensões continua a ser desenvolvida e faz parte de uma visão global mais ambiciosa. Nos últimos cinco anos, tem sido desenvolvida uma visão do “museu fora de portas” que contribua significativamente para a preservação e acessibilidade do património científico português. Como tal, a criação do modelo da reserva visitável da Química constitui para esta instituição uma nova forma de corresponder à sua missão de democratização da cultura científica e de sensibilização para o património científico, designadamente o conjunto patrimonial do Laboratorio Chimico, onde se inclui a coleção de química.

A coleção de Química é composta por 3000 peças que incluem equipamentos, instrumentos, reagentes e mobiliário. Trata-se de um conjunto coerente, bem documentado e representativo de uma coleção de ensino e investigação de um laboratório da 2ª metade do séc. XIX e início do século XX. Daqui se percebeu da grande necessidade de tornar a coleção largamente acessível, visto que só 10% estava em exposição no Laboratorio e que cerca de 60% estava ainda por inventariar/estudar.

No que se refere a públicos, o Museu, com a dupla vertente de investigação e comunicação da ciência, tem o objetivo de servir múltiplas audiências. A reserva visitável tem a vantagem de possibilitar um target segmentado que nem sempre é possível nas exposições de longa duração e temporárias. Os investigadores têm acesso integral à coleção, documentação associada e base de dados em condições ótimas de trabalho e de acompanhamento curatorial. Os estudantes de pós-graduação em museologia e história da ciência, que já têm aulas e seminários regulares de cultura material no Museu (particularmente os da Universidade de Lisboa, Mestrado em História e Filosofia da Ciência), nem sempre em condições de acesso direto e fácil às coleções, encontram na reserva visitável um espaço para manipular objetos. Isto é igualmente válido para a formação em inventário e conservação de bolseiros, voluntários, estagiários e profissionais de museus que o Museu promove semestralmente (workshops, seminários, mini-cursos). Finalmente, e no que diz respeito ao público em geral, a reserva visitável fica integrada na circulação geral do Museu, nas proximidades quer do Laboratorio Chimico e Anfiteatro propriamente ditos, quer de um laboratório de oficinas experimentais (também da mesma época e recuperado).

Modelo e objetivos

Tendo em conta estas duas vertentes de atuação do Museu, foi escolhido um modelo misto de reserva visitável de forma a ampliar o acesso aos vários públicos

Este modelo funciona como centro de investigação e curadoria, acessível ao público²³ através de dois modos o peek-in e o walk-through²⁴. O peek-in funciona como uma verdadeira “janela para os bastidores” do Museu, enquanto decorre com regularidade o trabalho em torno da coleção de Química, quer pelos funcionários, quer pelos investigadores, criando uma nova dimensão de visita ao público em geral, apesar de não permitir o acesso físico ao espaço. O walk-through convida o visitante, em momentos programados, a penetrar no espaço reservado (e por isso com um carácter mais aliciante) a partir da exploração orientada para a coleção e para o trabalho desenvolvido, possibilitando uma nova experiência de aproximação ao museu e ao papel desempenhado na sociedade de preservação do património.

Deste modo, a reserva tem a dupla funcionalidade de pretender preservar o carácter histórico do espaço através da reinterpretação do conceito museu gabinete e de constituir-se simultaneamente como polo dinamizador do trabalho de gestão, investigação e divulgação. Em particular: dinamizar a inventariação, catalogação, conservação e investigação da coleção; captar de público especializado (investigadores, estudantes, profissionais de museus) e disponibilizar a coleção como objeto de estudo e instrumento de formação avançada em diversas áreas; diversificar a oferta museal de modo a criar novas formas de interpretar a coleção; aumentar e diversificar as atividades educativas e culturais para segmentos diversificados de públicos; aproximar o público da missão do Museu e assim captar o apoio público no reforço do trabalho institucional desenvolvido na salvaguarda e valorização do património científico, da divulgação cultural e em última instância, da utilidade pública; reforçar o valor patrimonial do Laboratorio Chimico como um todo, reforçando o seu estatuto de património integrado, nas suas múltiplas dimensões e leituras.

23 O modelo de reserva visitável serve sobretudo instituições com propostas educacionais e de investigação (THISTLE, 1990: 58).

24 Classificação de acordo com Hilberry (2002).

Organização

A escolha do espaço para o acondicionamento e exposição da coleção teve em conta dois fatores: a proximidade com o Laboratório restaurado “à traça” onde os objetos, na sua generalidade, foram utilizados ao longo do tempo e a manutenção da sua função original de acondicionamento da coleção de química. O estudo da biografia do espaço possibilitou identificar três segmentos espácio-temporais que correspondem a funções e usos diferenciados ao longo do tempo (Fig. 1.1).

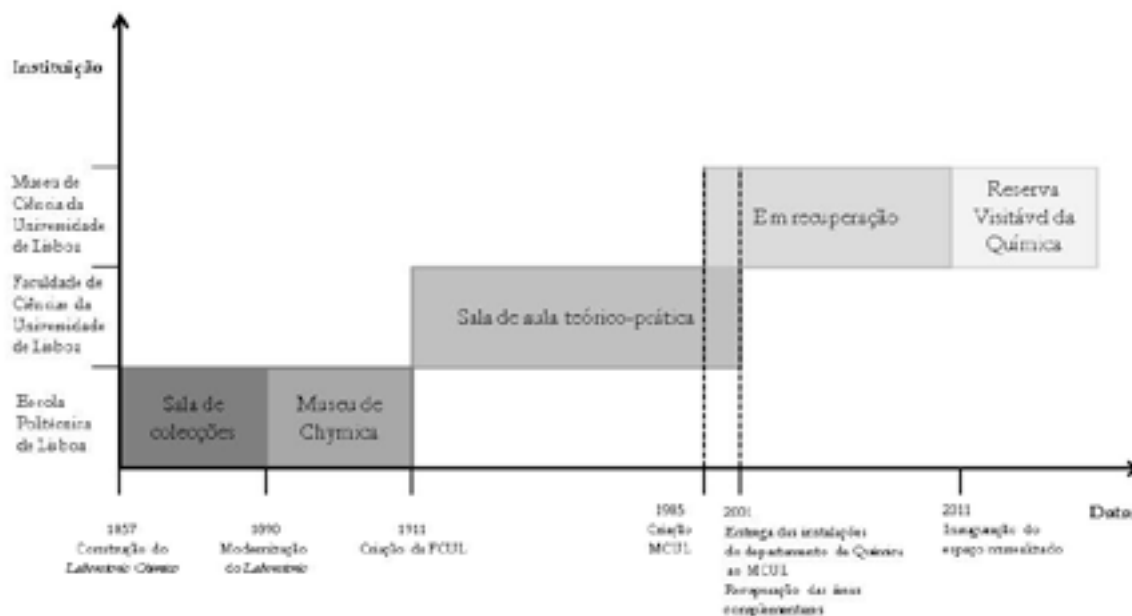


Fig. 1.1. Os períodos históricos da Reserva Visitável.

O plano de organização da reserva visou associar a abordagem histórica com uma abordagem museológica. Como tal, a organização das funções museológicas evocam os períodos históricos documentados, associadas a uma especialização de públicos com uma política educativa e cultural específica para esses segmentos. Esta perspetiva é coerente com o projeto global de recuperação do Laboratório Chimico, que pretende repor o ambiente oitocentista, mas também reforçar as ligações históricas do espaço ao longo do tempo.

Deste modo a reserva possui três áreas distintas (Fig. 1.2). A “área de exposição” evoca o primeiro período do espaço enquanto Sala de Coleções e “Museu de Chymica” durante a Escola Politécnica de Lisboa. Entre 1857 e 1911, era aqui que a coleção de química era guardada e inclusivamente, estava disponível para visita pública num determinado horário. A organização dos objetos e a sua disposição nos armários-vitrina originais respeita a organização tipológica, comum nos laboratórios oitocentistas, e a localização original de determinadas tipologias, sempre que foi possível identificar na documentação disponível. Esta área está diretamente ligada ao público em geral e a uma política de divulgação alargada.

Neste âmbito, as atividades desenvolvidas têm o objetivo de dar a conhecer a coleção de química, a sua importância e integração no conjunto patrimonial e simultaneamente mostrar o trabalho desenvolvido pelo Museu no sentido da sua preservação e valorização.

A “área de ensino” evoca o segundo período histórico, durante grande parte do século XX, quando este espaço funcionou como sala de aulas teórico-práticas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Assim, pretende-se a recriação de um espaço de sala de aula a partir da recolocação do quadro de ardósia (original da Faculdade) e de um conjunto de cadeiras de modo a desenvolver atividades de igual natureza. Fica assim ligada a um público especializado de estudantes, profissionais de museus, bolsiros e voluntários, onde se desenvolve uma linha de formação na área da história da ciência, museologia e património. A “área de trabalho” que evoca o terceiro período (presente e futuro) em que o espaço assume uma função de cariz museológico no sentido da preservação, valorização e divulgação do património da Química. Neste sentido, funciona como local de trabalho museológico onde decorrem atividades de conservação, de inventário e de investigação da coleção. Esta área estará equipada com uma mesa de trabalho e duas secretárias com terminais de computador que possibilitem o acesso à base de dados da coleção. Está voltada para os funcionários e investigadores que desenvolvem trabalho de gestão da coleção e de aprofundamento da investigação.



Fig. 1.2. Planta da reserva visitável da Química. Área de exposição (vermelho e azul), área de ensino (laranja); área de trabalho (verde).

O que torna este espaço particularmente interessante é que uma ou mais destas vertentes poderem acontecer em simultâneo, já que a reserva se encontra integrada na circulação geral do Museu. As oportunidades de partilha entre investigadores, alunos, profissionais de museus e público em torno de uma coleção excepcional, integrada num património edificado in situ, são realmente a finalidade última deste espaço, que materializa de forma exemplar o Museu como ponte entre comunidades, tradições e culturas diferentes.

Desafios

A reserva visitável é um projeto concretizado e inaugurado em Maio de 2011. No entanto, é ainda uma realidade em evolução no sentido em que abriu novas frentes de trabalho e assim, enfrenta novos desafios.

No que diz respeito ao trabalho, é determinante concluir a organização da reserva ao nível dos objetos e da base de dados. A visibilidade que este espaço trouxe ao trabalho de preservação e estudo da coleção desenvolvido no Museu, bem como à responsabilidade de disponibilizar o máximo de informação possível ao visitante, impele ao aprofundamento da investigação e documentação da coleção. Para além disso, essa é a base de trabalho para uma questão com muito ainda para aprofundar que é a comunicação e a interpretação do espaço e da coleção. Que discursos podem ser utilizados? Que recursos interpretativos e materiais didáticos podem consolidar esses discursos? De que forma podemos utilizar e explorar a coleção?

A reserva visitável pode ser o meio de estabelecer formas de comunicação com os vários públicos, procurando novas formas de os satisfazer e surpreender, introduzindo novos inputs para a divulgação da ciência e a sensibilização para o património. Neste âmbito, seria importante desenvolver estudos de públicos que aferissem o grau de interesse sobre a coleção de Química e o trabalho de gestão desenvolvido pelo Museu. Todas as ferramentas de diagnóstico são importantes: questionários, avaliação de atividades desenvolvidas e observação comportamental dos públicos. Esta última ferramenta aplicada desde o primeiro dia após a inauguração, trouxe inputs imediatos e muitos claros de algumas das necessidades e interesses dos vários públicos.

O público em geral tem vindo a mostrar mais interesse acerca da coleção, sobretudo na identificação das tipologias e funções dos objetos. Existe ainda um interesse alargado, que vai desde os “miúdos e graúdos” em questionar os funcionários acerca do tipo de trabalho desenvolvido, do seu propósito e da sua importância para o Museu.

Para o público especializado interessa mais o contacto com os funcionários, voluntários e investigadores que trabalham com as coleções, sobretudo no sentido de aceder a informações ditas técnicas, tais como designações, tipologias de difícil identificação, cronologias, fabricantes, documentação, etc. É muito comum deixarem o contacto para futuro intercâmbio de informação.

É interessante que a reserva também promova a divulgação das coleções do Museu em geral. Muitos estudantes e investigadores aproveitam a oportunidade para consultar o funcionário e respetiva base de dados com o intuito de procurar objetos específicos e perscrutar novas linhas de estudo nas áreas da cultura material, história da ciência, história da educação, conservação, museologia, património e até em novas áreas como a arte. Fruto desse contacto direto já foram concretizados alguns protocolos de investigação e o planeamento de novas exposições e/ou empréstimos de peças.

O impacto da acessibilidade da coleção é também visível no interior do museu, sendo que favorece cada vez mais a recorrência a objetos históricos para enquadrar atividades educativas e culturais decorrentes nos espaços do Laboratorio Chimico. Este aspeto reforça a ideia de processos evolutivos na produção do conhecimento científico e na instrumentação utilizada. As atividades que têm decorrido são recriações químicas (por exemplo, dos químicos Michael Faraday e Alexander Borodin) decorrentes no Anfiteatro, experiências realizadas no pequeno laboratório de química que constituem uma experiência hands-on para o visitante e eventos culturais diversos como a apresentação de livros, concertos, conferências, etc.

A reserva visitável parece constituir uma plataforma de comunicação direta do Museu com os vários utilizadores. Diga-se utilizadores no sentido de um movimento amplo de abertura e usufruto do Museu e dos seus recursos quer para o exterior, conectando-se com os vários públicos, quer para o interior, reforçando redes de colaboração e intercâmbio com outros sectores, nomeadamente de educação e extensão cultural para o enriquecimento da oferta educativa e cultural.

Este modelo estabelece uma nova forma de relação biunívoca entre o Museu e o visitante. O visitante é desafiado à descoberta da coleção (ou até mesmo coleções) e da missão institucional. Simultaneamente, o Museu é desafiado à transparência de valores e práticas, dando a conhecer os seus bastidores e em última instância caminhando no sentido evolutivo de um “museu sem paredes”²⁵.

25 O museu sem paredes é um museu que evoluiu do conceito convencional, ou seja, um edifício com coleções, exposições e públicos, para um conceito mais alargado, enquanto espaço onde se encontram os objetos nos vários contextos possíveis de reproduzir, seja o original, seja o presente: “the museum without walls wich can be characterized as an enviroment where the visitor is in active visual contact with (objects in) that enviroment” (CLERCQ, 2009: 277).

Referencias Bibliográficas.

AMES, M. M. 1985. De-schooling the Museum: A Proposal to Increase Public Access to Museums and Their Resources. *Museum* 38, p. 27.

BLACKBOURNE, C. 1986. Visible Storage. *Museum Quarterly*, Fall , p. 22.

CLERCQ, S. D. 2009. What stories can traces tell?”. In: CARNEIRO, M. L. E. A. (ed.) *The Laboratorio Chimico Overture. Spaces and collections in the History of Science*, Lisboa: Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, p. 277.

FORCE, R. W. 1975. Museum Collections – Access, Use and Control. *Curator*, 18, p. 249

HILBERRY, J. 2002. Behind the Scenes: Strategies for Visible Storage. *Museum News*, July/August, http://www.aam-us.org/pubs/mn/MN_JA02_VisibleStorage.cfm.

LOURENÇO, M. 2010. O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: património, colecções e pesquisa. In: GRANATO, M. e LOURENÇO, Marta (ed.) *Colecções Científicas Luso-Brasileiras: Patrimônio a ser descoberto*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins.

THISTLE, P. C. 1990. Visible Storage for the Small Museum. *Curator*, 33/1, p. 49.

THISTLE, P. 1997. Visible storage for the small museum. In: KNELL, S. (ed.) *Care of collections*. London: Routledge.